

Português

Elogio da “construção densa”

Loïc Wacquant

University of California, Berkeley

Centre Européen de Sociologie et de Science Politique, Paris

Resumo

Com base no meu livro *The Poverty of the Ethnography of Poverty* ([2023]2025), defendo a “construção densa” como uma abordagem racionalista para enquadrar e conduzir a etnografia. Inspirada na epistemologia sociológica de Pierre Bourdieu, a construção densa é uma “construção ao quadrado”, ou seja, uma construção científica (analítica) de uma construção comum (popular). Ancorada no conceito de espaço social, a construção densa visa evitar o perigo do “etnografismo”, a tendência para querer descrever, interpretar e explicar um fenómeno com base apenas nos elementos discernidos através do trabalho de campo. Permite-nos evitar cometer uma ou outra das *cinco falácias orgânicas* da observação participante: o interacionismo, o indutivismo, o populismo, o presentismo e a deriva hermenêutica. Esquematizo como a descrição densa, a teoria fundamentada, o método de caso alargado, a teorização abductiva e a construção densa configuram o dueto da teoria e da observação. Evitando a falsa oposição entre conceito e percepção, a construção densa visa construir heurísticas para fabricar novos objetos. Nesta abordagem, ao contrário das visões convencionais, a teoria não é o mestre arrogante, mas o humilde servo da investigação empírica como aproximação do real.

Palavras-chave: Etnografia; Teoria; Epistemologia.

English

Praise for “thick construction”

Abstract

Building on my book *The Poverty of the Ethnography of Poverty* ([2023]2025), I make the case for “thick construction” as a rationalist approach to framing and conducting ethnography. Infused by Pierre Bourdieu’s sociological epistemology, thick construction is a “construction squared,” that is, a scientific (analytic) construction of an ordinary (folk) construction. Anchored by the concept of social space, thick construction aims to dodge the danger of “ethnographism,” the tendency to want to describe, interpret and explain a phenomenon based solely on the elements discerned through fieldwork. It allows us to avoid committing one or another of the *five organic fallacies* of participant observation: interactionism, inductivism, populism, presentism and the hermeneutic drift. I diagram how thick description, grounded theory, the extended-case method, abductive theorizing and thick construction configure the duet of theory and observation. Eschewing the false opposition between concept and percept, thick construction aims to build heuristics for fabricating new objects. In this approach, contrary to conventional views, theory is not the haughty master but the humble servant of empirical research as approximation of the real.

Keywords Ethnography; Theory; Epistemology.

WACQUANT, Loïc (2024),

“Elogio da “construção densa””,

Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. L, pp. 75 - 90

DOI: <https://doi.org/10.21747/08723419/soc50a4>

Français

Éloge de la «construction dense»

Résumé

En m'appuyant sur mon livre *The Poverty of the Ethnography of Poverty* ([2023]2025), je plaide en faveur de la « construction dense » en tant qu'approche rationaliste pour encadrer et mener l'ethnographie. Inspirée de l'épistémologie sociologique de Pierre Bourdieu, la construction dense est une « construction au carré », c'est-à-dire une construction scientifique (analytique) d'une construction ordinaire (populaire). Ancrée dans le concept d'espace social, la construction dense vise à éviter le danger de l'« ethnographisme », c'est-à-dire la tendance à vouloir décrire, interpréter et expliquer un phénomène à partir des seuls éléments discernés lors du travail de terrain. Elle permet d'éviter de commettre l'une ou l'autre des cinq erreurs organiques de l'observation participante : l'interactionnisme, l'inductivisme, le populisme, le présentisme et la dérive herméneutique. Je schématise la manière dont la description dense, la théorie ancrée, la méthode de cas élargi, la théorisation abductive et la construction dense configurent le duo de la théorie et de l'observation. Échappant à la fausse opposition entre concept et percept, la construction dense vise à construire des heuristiques pour fabriquer de nouveaux objets. Dans cette approche, contrairement aux idées reçues, la théorie n'est pas le maître hautain mais l'humble serviteur de la recherche empirique en tant qu'approximation du réel.

Mots-clés: Ethnographie; Théorie; Épistémologie.

Español

Elogios a la «densa construcción»

Resumen

Basándome en mi libro *The Poverty of the Ethnography of Poverty* ([2023]2025), defiendo la «construcción densa» como enfoque racionalista para enmarcar y realizar etnografías. Infundida por la epistemología sociológica de Pierre Bourdieu, la construcción densa es una «construcción al cuadrado», es decir, una construcción científica (analítica) de una construcción ordinaria (popular). Anclada en el concepto de espacio social, la construcción densa pretende esquivar el peligro del «etnografismo», la tendencia a querer describir, interpretar y explicar un fenómeno basándose únicamente en los elementos discernidos mediante el trabajo de campo. Nos permite evitar cometer una u otra de las *cinco falacias orgánicas* de la observación participante: el interaccionismo, el inductivismo, el populismo, el presentismo y la deriva hermenéutica. Esquematizo cómo la descripción densa, la teoría fundamentada, el método del caso alargado, la teorización abductiva y la construcción densa configuran el dúo teoría-observación. Evitando la falsa oposición entre concepto y percepto, la construcción densa pretende construir heurísticos para fabricar nuevos objetos. En este enfoque, contrariamente a las visiones convencionales, la teoría no es el amo altivo sino el humilde servidor de la investigación empírica como aproximación a lo real.

Palabras clave: Etnografía; Teoría; Epistemología.

Introdução

O meu livro *The Poverty of the Ethnography of Poverty* recapitula as três eras da "etnografia urbana", um género particular de investigação de terreno sobre a vida na cidade, nascido em Chicago há um século, nomeadamente, a geração de pioneiros na metrópole industrial em expansão do período entre guerras, a vaga dos anos 1960 animada pela implosão do gueto negro, e a geração do novo século que revela o funcionamento do Estado como produtor e gestor da pobreza nas frentes da assistência social, da habitação e da penalização (Wacquant [2023] 2025)¹. O objetivo desta recapitulação é colocar em perspetiva histórica e analítica a controvérsia sobre a etnografia da relação entre raça, classe e moralidade no gueto negro americano e em torno dele, na era do neoliberalismo triunfante, desencadeada pelo meu (des)afamado ensaio "Scrutinizing the Street" (Wacquant, 2002), a fim de retirar lições positivas para a teoria e a prática do trabalho de campo. Empirismo irrefletido, aceitação de problemáticas pré-fabricadas pelo senso comum ordinário e político, confusão entre categorias populares e analíticas, confinamento ao perímetro imediato da interação, moralismo bifurcador: estas não são as manchas de obras particulares e as falhas de autores individuais, mas armadilhas com que todos os etnógrafos se deparam, mais cedo ou mais tarde, ao longo do caminho, e que só a vigilância coletiva pode esperar contornar.

1. As cinco falácias do etnografismo

Este regresso epistemológico é uma oportunidade para identificar o perigo do *etnografismo*, como a tendência para querer descrever, interpretar e explicar um fenómeno com base apenas nos elementos discernidos através do trabalho de campo,² e para apelar à prática correlativa de uma *etnografia enativa*,³ *estrutural e historicizada*. Por *enativa*, quero dizer que, no seu melhor, a etnografia é conhecimento produzido pela realização do fenómeno no grau mais elevado possível

¹ O presente artigo é a tradução portuguesa de um texto preparado para um simpósio do número de inverno de 2025 da revista *Qualitative Sociology*. A tradução do original em língua inglesa para português foi efetuada por Virgílio Borges Pereira e revista por Loïc Wacquant. *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* agradece a possibilidade de proceder à publicação em língua portuguesa do presente artigo.

² O construto é o análogo metodológico do "economismo", a tendência para procurar explicar um determinado fenómeno estritamente por referência a fatores e mecanismos económicos.

³ NdT: "enativa", no sentido que lhe é conferido pelas ciências cognitivas, como prática incorporada de conhecimento imerso num contexto como saber-fazer.

- uma sociologia, não *do* corpo, mas *a partir do* corpo.⁴ Implica, no mínimo, aproximar-se o mais possível do ponto de produção da ação. Por estrutural, sublinho que a análise etnográfica deve inserir as microações observadas na série interligada de espaços sociais que as moldam e lhes dão direção e significado ao longo do tempo. Por historicizada, indico que o etnógrafo deve captar a gênese das disposições dos agentes e da teia de posições que ocupam.

Uma etnografia deste tipo obriga-nos a esforçarmo-nos por evitar cometer uma ou outra das *cinco falácias orgânicas da observação participante*, que são tanto mais difíceis de evitar quanto estão enraizadas na própria postura da etnografia enquanto investigação incorporada e encarnada e tendem a implicar-se mutuamente⁵:

(i) o *interacionismo*, que consiste em considerar que o essencial é dado no *encontro*, no sentido de Goffman (1961), ou seja, a interação face a face nascida da "co-presença física" num determinado lugar e instituição, independentemente das forças externas, visíveis e invisíveis, que pesam sobre ele e agem dentro dele; reside no esquecimento da estrutura;⁶

(ii) o *indutivismo*, que leva o etnógrafo a abandonar-se ao mundo sensível e a esperar que o seu objeto pré-construído lhe "fale" de si próprio, esquecendo que o mundo social só responde às questões que lhe colocamos e que um sinal só se torna informação, em vez de ruído, para o ouvinte ativo munido de um código; consiste no esquecimento da teoria;

(iii) o *populismo*, que consiste em embelezar e mesmo glorificar os modos de pensar, de sentir e de agir dos agentes estudados, tanto mais quando estes

⁴ Ver Wacquant (2015) para uma discussão sobre a forma como o trabalho de terreno pode aproximar-se deste ideal e a ontologia carnal que sustenta esta posição metodológica.

⁵ No terceiro capítulo de *The Poverty of the Ethnography of Poverty* (Wacquant [2023] 2025), discuto as soluções práticas para estas cinco falácias e ilustro-as com exemplos do meu estudo de terreno sobre as estratégias de trabalho quotidiano de procuradores, defensores públicos e juizes num tribunal criminal de condado.

⁶ A estrutura é a rede invisível de relações entre posições sociais que deve ser construída pelo analista, e não as transações visíveis entre agentes imediatamente disponíveis para observação no terreno, como na "etnografia relacional" (Desmond, 2014).

são categorias subalternas estigmatizadas na percepção e no discurso públicos;⁷ resulta do aprisionamento no moralismo;

(iv) o *presentismo*, que prende o etnógrafo ao momento imediato e o leva a esquecer que a prática, tal como é captada na interação, é sempre o encontro de duas modalidades de história, a história encarnada nos corpos sob a forma de habitus e a história feita coisa sob a forma de instituições;

(v) o *hermeneuticismo*, que resulta da absolutização do momento interpretativo, desligando-o da sua ancoragem na estrutura social, como se a ação significativa estivesse de alguma forma suspensa no éter das representações.

Em *Le Métier de Sociologue* (1968, *The Craft of Sociology*, 1990), o mais importante texto de epistemologia sociológica publicado desde as *Règles de la méthode sociologique* (1895) de Durkheim e *Wirtschaft und Gesellschaft* (1918) de Weber, Pierre Bourdieu e os seus colegas adaptam o racionalismo histórico de Gaston Bachelard, Georges Canguilhem e Alexandre Koyré às ciências sociais.⁸ Caracterizam a aplicação desta filosofia da ciência em ação pela fórmula marcante: "O facto social é conquistado, construído, constituído". Conquistado contra o senso comum e a ilusão da transparência do social; construído pela aplicação de quadros teóricos e de conceções metodológicas; constituído pela observação e elaboração empíricas sistemáticas que favorecem o confronto do modelo com um segmento escolhido da realidade. Adapto esta fórmula especificando o incontroverso: os factos etnográficos são conquistados, construídos, constituídos.

⁷ Há duas variantes de populismo na etnografia, o social e o epistemológico. O populismo *social* pinta populações denegridas em tons brilhantes numa luz positiva para as reabilitar. Mas, na sua ânsia de derrubar estereótipos comuns, apenas os inverte. O populismo *epistemológico* consiste em dar primazia, em princípio, ao conhecimento vulgar ou especializado dos agentes estudados e em transformar as suas categorias práticas em categorias de análise. Encontra expressão na "restituição" - ou ritual de absolvição etnográfica - que consiste em ver as suas interpretações validadas por aqueles que são o seu objeto (Zonabend, 1994), como se estes últimos estivessem em posição de julgar uma análise que se pretende sociológica, e como se o canal de "informação" entre o observador e o observado fosse uma relação horizontal abstraída de qualquer gravidade de poder.

⁸ Para uma apresentação compacta da escola francesa de "epistemologia histórica", também conhecida como "filosofia do conceito", e da sua relação com outras vertentes da filosofia da ciência, ver Rheinberger (2010).

2. A construção densa como "construção ao quadrado"

Assim, a via etnográfica preconizada em *The Poverty of the Ethnography of Poverty* é aquilo a que chamo "construção densa", por referência e em oposição à "descrição densa" que Clifford Geertz (1973) toma de empréstimo ao filósofo britânico Gilbert Ryle. O objetivo da descrição densa é tornar visível, através da escrita, o tecido estratificado de significados que as pessoas dão às suas ações; ela pertence à hermenêutica social, levando a um relato pontilhista que coloca no papel a atividade interpretativa dos agentes que evoluem no mundo em estudo, como se a sua conduta fosse uma espécie de peça de teatro a ser observada e apreciada.⁹ Geertz afirma explicitamente que "a cultura é pública porque o significado é público". Afirma ainda que "a cultura não é um poder" que move as pessoas, mas "um contexto" que dá significado à sua conduta, de modo que "o objeto da etnografia [é] uma hierarquia estratificada de estruturas significativas" (Geertz, 1973, 7).

A construção densa é o oposto racionalista do empirismo geertziano. É, fundamentalmente, uma "construção ao quadrado": opera a construção *científica* (analítica) de uma construção social *comum* (popular). Reconhece plenamente que os agentes sociais fabricam o seu mundo vivido através da elaboração cognitiva e da improvisação conativa, e que o etnógrafo deve examinar esta fabricação, os seus instrumentos, os seus segredos e os seus produtos. A este nível, a abordagem bourdieusiana é congruente com as microssociologias construtivistas, o interacionismo simbólico (Blumer, 1969), a fenomenologia schutziana (Schutz, 1967), a etnometodologia (Garfinkel, 1966) e a antropologia simbólica de que Geertz (1973, ver também Ortner, 1999) é o porta-estandarte histórico. Mas também postula que a tarefa do sociólogo - quer seja baseado no terreno ou não - é *produzir o seu objeto* através da utilização controlada de categorias analíticas capazes de *englobar* categorias populares, estabelecer a sua génese e usos, e apreender as forças objetivas que dão ao mundo social a sua gravidade específica. Para evitar a queda no subjetivismo, é preciso inserir como ferramenta necessária à produção etnográfica o conceito de *espaço social* como rede histórica de posições objetivas ocupadas pelos

⁹ De facto, um dos livros mais completos de Clifford Geertz é *Negara: The Theatre State in Nineteenth-Century Bali* (1980), e o seu artigo mais famoso também descreve uma cena quase teatral: "Deep Play: Notes on the Balinese Cockfight" (1972).

agentes observados (Bourdieu, 1989). Construir o espaço dos pontos que informam o seu ponto de vista requer a adoção de uma postura histórico-estrutural e a utilização de instrumentos teóricos sem os quais este espaço permaneceria invisível:

A teoria, é uma banalidade da tradição epistemológica, é o que nos faz ver coisas que não veríamos de outra forma. A tradição epistemológica multiplicou muitas vezes os exemplos dos efeitos da teoria: quando a teoria é constituída, os fenómenos que tinham passado despercebidos, as realidades que tinham sido confundidas, sobressaem e afastam-se; por outras palavras, vemos apenas aquilo para que temos a teoria. (Bourdieu, 2015, 114)

Ou ainda: "Se é certo que todo o conceito científico é construído (no sentido de que não é indutivamente desenterrado da realidade), trata-se de uma operação construtiva na medida em que é uma questão geral que receberá a sua realidade do trabalho científico de construção empírica e de confronto com as observações" (Bourdieu, 2016, 26).

Bourdieu gostava de recordar a etimologia grega da palavra "teoria", *theorein*, observar ou contemplar, mas afastava-se imediatamente dela, sublinhando o carácter pragmático da teoria sociológica enquanto programa de construção científica de objetos empíricos.¹⁰ É assim que ele a define como "um instrumento para ver as relações", "um modo de pensar, um sistema de esquemas rigorosamente controlados para perceber o mundo social". Assim, por exemplo, o conceito de habitus sintetiza uma filosofia disposicionalista da ação, mas aponta também para uma série de operações práticas destinadas a reconstituir a trajetória dos agentes no espaço social e as formas de aprendizagem corporal que lhes são próprias, de modo a perfurar a combinação de categorias cognitivas, competências conativas e desejos emotivos que os caracteriza por direito próprio (Wacquant, 2014, 2022). No seu *Cours de sociologie générale*, Bourdieu graceja suavemente com os "malabarismos teóricos" e rejeita firmemente a noção althusseriana de "trabalho teórico" desligado da prática de

¹⁰ Sobre esta conceção da teoria sociológica como um sistema de disposições intelectuais e técnicas, ler o subtil artigo de Rogers Brubaker, "Social Theory as Habitus" (1993).

investigação e suspenso sobre a investigação empírica. A teoria pode dar origem a dados, mas continua a ser a serva da investigação empírica.

Descrição densa" à la Geertz versus "construção densa" à la Bourdieu

Para Geertz, líder e ícone da abordagem interpretativa na fronteira entre as ciências sociais e as humanidades, o agente social é um *animal symbolicum* "suspenso em teias de significado que ele próprio teceu". A cultura é um "contexto", e o trabalho do etnógrafo é interpretar as interpretações dos agentes, e depois usar a densidade da palavra escrita para transmitir as estruturas de significado entrelaçadas que dão sentido à sua conduta. Tudo é dado à superfície, no próprio momento da ação, porque "a cultura é pública". A teoria é resolvida - ou melhor, dissolvida - no relato multifacetado que proporciona a inteligibilidade do fenómeno. "Conduzir uma etnografia é como tentar ler um manuscrito...escrito, não em gráficos convencionais, mas em exemplos transitórios de comportamento moldado." O mundo social segundo Geertz, tal como o dos etnógrafos urbanos de Chicago, é um universo irénico, livre de inércia material e de relações de poder, organizado por relações comunicativas, e no qual tudo é visível e imediatamente acessível ao observador no terreno.

"Acreditando, com Max Weber, que o homem é um animal suspenso em teias de significado que ele próprio teceu, considero a cultura como essas teias, e a sua análise como sendo, portanto, não uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa em busca de significado...O objeto da etnografia [é] uma hierarquia estratificada de significados" ou "estruturas empilhadas de inferência e implicação através das quais um etnógrafo está continuamente a tentar escolher o seu caminho...."

A etnografia é uma descrição *densa*. O que o etnógrafo enfrenta de facto... é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou entrelaçadas umas nas outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem de conseguir, de alguma forma, primeiro apreender e depois restituir.... A cultura não é um poder, algo a que os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos podem ser atribuídos de forma causal; é um contexto, algo dentro do qual podem ser inteligivelmente - isto é, densamente - descritos..."

"Começamos com as nossas próprias interpretações do que os nossos informadores estão a fazer, ou pensam que estão a fazer, e depois sistematizamo-las." Daqui resulta que a tarefa do etnógrafo é "inscrever" o discurso social. *Ele escreve-o*".

Clifford Geertz, "Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture," pp. 5, 7, 9-10, e 19.

Para Bourdieu, o agente social é um ser histórico inserido numa estrutura objetiva de distribuição do capital (nas suas várias formas) resultante das lutas materiais e simbólicas que fazem a história. O seu "ponto de vista" subjetivo é a visão que tem do ponto que ocupa no espaço social. As estruturas simbólicas não são apenas estruturadas e estruturantes, são também instrumentos de dominação. O poder simbólico, epicentro da sociologia bourdieusiana, decorre do próprio facto de o ser humano ser um animal simbólico, no sentido de Cassirer, e de o mundo social ser "multifacetado" (*Vielseitig*), no sentido de Weber, isto é, suscetível de ser construído de formas diferentes e, portanto, rivais.

A missão do etnógrafo, como a de qualquer cientista social, é produzir um modelo que *trabalhe* o real, envolvendo conceitos feitos para e pela investigação empírica. Isto implica mapear o espaço das posições e delinear os fluxos das trajetórias sociais; penetrar e especificar "o ponto de vista do nativo" (para usar a famosa expressão de Malinowski, *mas pluralizada*) de acordo com a posição que ocupam dentro dele; e desvendar as lutas que travam para dar forma e sentido ao mundo, começando pelas lutas simbólicas que visam impor este ou aquele princípio social de visão e divisão.

É a teoria, enquanto sistema de esquemas práticos para a ação científica, que dá vida aos fenómenos, fornecendo instrumentos para a interrogação e a organização racional do tumulto sensorial do mundo: "Certas relações só podem ser encontradas se a realidade tiver sido construída de forma a encontrá-las", incluindo as relações de poder simbólico que participam na fabricação do mundo social como um mundo intrinsecamente duplo, objetivamente objetivo e objetivamente subjetivo.

"O que eu quero salientar é que este aparente golpe de força implicado por qualquer construção taxonómica adequada é epistemologicamente justificado. Toda a tradição

epistemológica (Bachelard, etc.) o estabelece. No caso particular da sociologia, qualquer construção adequada do mundo social tem de ser conquistada através de uma rutura com as pré-construções, isto é, com os pressupostos classificatórios produzidos pelos usos sociais comuns.... Não há outra maneira de praticar a ciência social senão através destes golpes de força epistemológicos que consistem em impor escolhas construídas à partida. Só podemos encontrar certas relações se tivermos construído a realidade de modo a encontrá-las" (volume 1, p. 81).

"Entendo a palavra 'teoria' muito mais no sentido de um método de pensamento ou mesmo de um método de percepção do que no sentido dado à palavra 'teoria', infelizmente, no discurso francês, onde '*théorique*' se opõe a '*empirique*' e designa tudo o que não é empírico, tudo o que não tem nada a ver com nada. A palavra 'teoria', se designa de facto, como digo, um sistema de esquemas de construção da realidade (ou uma construção científica da realidade), é uma espécie de palavra de ordem científica" (volume 1, p. 207).

"A ciência social, na sua fase objetivista ou estruturalista, regista regularidades objetivas, independentes da consciência e da vontade individuais, nas quais se exprimem os efeitos de constrangimentos estruturais que conferem ao mundo social a sua realidade independente do pensamento. Ao fazê-lo, reduz a um estado de aparência, de ilusão, as representações que os agentes fazem do seu mundo e a própria experiência que dele têm. A consciência das particularidades da posição do académico, homem de *skholè*, inclinado para o que Austin designou por 'visão escolástica', leva-nos a efetuar uma segunda rutura com a visão nascida da rutura com a visão comum. Tal como foi necessário transcender o ponto de vista particular associado a uma posição particular no mundo social para aceder à visão panorâmica que nos permite objetivar o ponto de vista primário sobre o mundo social, também é necessário transcender a visão transcendente do momento objetivista para reintroduzir, como parte integrante da realidade objetiva do mundo social, os diferentes, contrastantes e mesmo contraditórios pontos de vista que se chocam sobre esse mundo: a construção objetivista que permite constituir as diferentes perspetivas sobre o mundo social como pontos de vista tomados a partir de pontos bem definidos desse mundo, não é de modo algum contrariada pela análise que, elevando-se a um nível superior, apreende as lutas sobre o mundo e a sua objetividade, e lhes restitui a sua devida eficácia na própria construção do mundo.

Ultrapassando a oposição fictícia entre um estruturalismo objetivista e um construtivismo subjetivista, podemos assim colocar-nos o objetivo de apreender tanto a estrutura objetiva dos universos sociais (o campo social no seu conjunto ou um determinado campo especializado) como as estratégias especificamente políticas que os agentes produzem para

fazer triunfar o seu ponto de vista. Isto sem esquecer que todo o trabalho de construção, prático ou teórico, individual ou coletivo, pelo qual os agentes contribuem para produzir realidades sociais, em particular grupos instituídos (como as pessoas coletivas), e para inscrevê-las na objetividade duradoura das estruturas, é orientado pela perceção que eles têm do mundo social e depende de sua posição nessas estruturas, e das suas disposições, moldadas pelas estruturas" (volume 2, pp. 1177-1178).

Pierre Bourdieu, *Sociologie générale*, volume 1 (2015), pp. 81 e 207; e *Sociologie générale*, volume 2 (2016), pp. 1177-78.

3. Cinco notas para o dueto teoria-observação

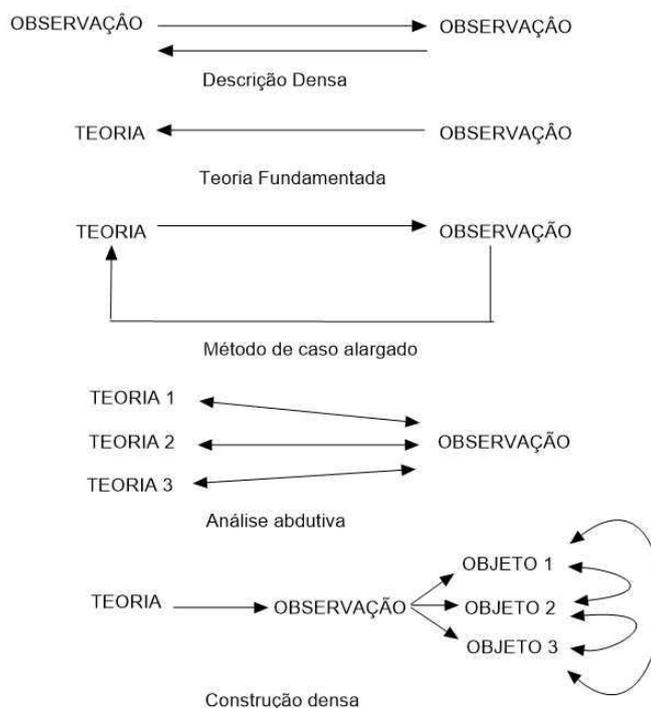
O objetivo da construção densa não é "testar" uma teoria, invalidando-a ou confirmando-a, ou comparar duas teorias para fins de adjudicação empírica. É *produzir novos objetos* de modo a lançar uma nova luz sobre o mundo social. Porque, como Durkheim ([1895] 1981, vi) afirmava há mais de um século, "o objetivo de toda a ciência é fazer descobertas, e cada descoberta desconcerta mais ou menos as opiniões recebidas", incluindo as opiniões teoricamente estabelecidas pela investigação preexistente. Assim, a teoria da reprodução escolar desmonta a visão de uma escola "libertadora" que apaga as desigualdades de classe; a homologia teoricamente postulada entre as estruturas económicas e as estruturas temporais elucida a formação do subproletariado argelino; o estudo conjunto do consumo corrente, dos gostos artísticos e das opiniões políticas revela que obedecem à mesma lógica prática (Bourdieu, 1971, 1977, 1979).

Tantos factos que tiveram de ser metodicamente construídos, rasgando a tela do dado adquirido e das perceções comuns que muitas vezes contrariam a realidade, mascarando-a e disfarçando-a. Daí esta advertência dirigida ao etnógrafo: "Uma boa teoria científica - e esta é uma das diferenças em relação às ciências naturais - deve englobar, integrar a teoria do que é e a teoria das razões pelas quais tal não é percebido como é; deve incluir uma sociologia do que as coisas são e das razões

pelas quais tal não é visto" (Bourdieu, 2015, 105).¹¹A sociologia de terreno, cuja ambição é penetrar na lógica prática do conhecimento ou da cognição ordinária (*connaissance*), deve também preocupar-se com os mecanismos do não-reconhecimento ordinário (*méconnaissance*).

Figura 1.

O dueto teoria-observação em cinco tradições etnográficas



Para maior clareza, podemos esquematizar a relação entre teoria e observação postulada pelas cinco principais abordagens da etnografia disponíveis para o investigador de terreno contemporâneo (**ver figura 1**). Como qualquer ferramenta de visualização, estes diagramas são necessariamente simplificações. Na prática, os investigadores de terreno podem, e alguns fazem-no, combinar diferentes teorias *substantivas* para formular ou resolver as suas questões de investigação (por exemplo, Prieur, 1998; Parvez, 2017; Gong, 2024; Villarreal, 2024). Mas fazem-no

¹¹ Ver a magnífica demonstração de Javier Auyero e Débora Alejandra Swistun em *Flammable: Environmental suffering in an Argentinian Shantytown* (2009).

seguindo o esquema *formal* teoria-observação central da sua abordagem autoproclamada.¹²

A "descrição densa" de Clifford Geertz apresenta-se como uma forma de evitar completamente a teoria a favor da interpretação local, em que uma observação sustenta outra numa sequência reveladora de regressão semântica potencialmente interminável de uma camada de significado para outra. É essencialmente *hermenêutica e celibatária*, recusando, por princípio, qualquer relação com a teoria. A "teoria fundamentada" de Glaser e Strauss (1967) propõe-se desenvolver a teoria formal descobrindo os seus conceitos e as suas interligações no âmbito da observação conduzida na ignorância deliberada de teorias anteriores relevantes para a questão em causa. É *indutiva e casta*, esperando que a teoria correta se revele à maneira da Cinderela. O "método de caso alargado" de Michael Burawoy (2009) parte de um forte compromisso com uma teoria favorita que orienta o inquiridor e, a partir das observações assim geradas, regressa a essa teoria com o objetivo declarado de a falsificar ou alargar. É *dedutivo e monogâmico*. A abordagem neo-peirceana codificada por Iddo Tavory e Stefan Timmermans (2014) utiliza múltiplas teorias, sem ser parcial em relação a nenhuma delas, para produzir e responder a surpresas empíricas. Convida à especulação sobre os possíveis mecanismos que produzem essas surpresas. É *abdutiva e poligâmica*.

A "construção densa" bourdieusiana emprega a teoria autoconsciente para produzir observações, ou seja, seleções orientadas do conjunto empírico, respostas às questões formuladas e trazidas para o terreno pelo inquiridor. Estas observações, que incluem descobertas inesperadas e descobertas previsíveis, são depois deliberadamente peneiradas e reunidas para fabricar o objeto sociológico como um modelo com textura que se aproxima do real.¹³ A construção densa implica tanto uma rutura como a reintegração da compreensão primária que os agentes têm do mundo social. Capta e subsume noções populares em noções analíticas. Combina estrutura

¹² Sobre a utilização de representações gráficas com o objetivo de clarificação epistemológica, ver Richard Swedberg, "Can You Visualize Theory?" (2016).

¹³ Para uma elaboração desta posição, ver Gaston Bachelard, *Essai sur la connaissance approchée* (1928).

e significado. É *reflexiva e poliamorosa*.¹⁴ Acima de tudo, esforça-se por ser heurística, orientando a investigação para o duplo desdobramento da história como incorporada (*habitus*) e objetivada (espaço social e campo) e para o seu encontro no ponto da prática.

A construção densa bourdieusiana visa assim, antes de mais, gerar descrições, interpretações e explicações parcimoniosas e eficientes que o analista *não poderia ter elaborado* sem recorrer aos seus conceitos. Reúne as várias facetas relevantes do fenómeno numa *imagem aproximada* - e não numa "fotografia" exata, como quer o empirismo. Em seguida, *transpõe* o que aprendeu com a construção de um objeto num domínio para trabalhar sobre o objeto noutra domínio, mantendo na sua linha de visão esta questão: que propriedades são específicas do objeto O1 e quais são partilhadas pelos objetos O2, O3, etc.?¹⁵ O que é que esse objeto, por exemplo a lógica da consagração na Igreja, nos diz sobre outro, como o efeito de unção das credenciais atribuídas pelas escolas de elite (Bourdieu, 1989)? O que é que as estratégias de honra entre os cabilas nos ensinam sobre as estratégias de distinção da burguesia parisiense ou das empresas num mercado industrial (Bourdieu, 1972, 1979, 2000)? O que é que as revoluções efetuadas por Heidegger na filosofia, Beethoven na música clássica e Manet na história da pintura revelam sobre a lógica geral das revoluções simbólicas (Bourdieu, 1988, 2001, 2013)?¹⁶ O raciocínio homológico é mobilizado para especificar ao mesmo tempo as particularidades de um objeto e as suas características genéricas.

Longe do heroísmo epistemológico de Burawoy e do prosaísmo epistemológico de Tavory e Timmermans, a construção densa professa a modéstia epistemológica e alimenta-se da analogia controlada, tanto no interior dos casos como entre eles. *A teoria, segundo Bourdieu, é antes de mais uma heurística e uma analítica*, ou seja, uma caixa de ferramentas para a construção de objetos etnográficos que é alcançada

¹⁴ O próprio Bourdieu era teoricamente poliamoroso, mantendo fortes relações intelectuais afetivas em simultâneo com pensadores geralmente vistos como incompatíveis, se não mesmo antagónicos: Durkheim e Weber, o primeiro Husserl e o último Wittgenstein, Mauss e Lévi-Strauss, Piaget e Austin, etc.

¹⁵ "A teoria geral dos campos que estou a tentar propor tem o mérito de permitir colocar questões gerais a todos os campos, que só podem ser respondidas por respostas particulares e por estudos empíricos de cada campo" (Bourdieu, 2015, 706). Ver também Bourdieu e Wacquant (2014, 118-162).

¹⁶ Note-se que este modo de raciocínio é agnóstico quanto ao método: pode ser aplicado por cientistas sociais recorrendo à etnografia, à história comparada, à análise textual e até à estatística.

pouco a pouco, através da montagem paciente de uma série de movimentações conceituais e empíricas. O seu valor mede-se, portanto, pela sua capacidade de produzir relatos que satisfazem os critérios de uma boa etnografia: a tripla imersão (social, simbólica, temporal), a acuidade analítica, a granularidade descritiva, a captação dos afetos e a riqueza da poética, o domínio dos parâmetros éticos e políticos e, finalmente, a reflexividade.

Referências bibliográficas

- AUYERO, Javier, & SWISTUN, Débora Alejandra (2009), *Flammable: Environmental Suffering in an Argentine Shantytown*. New York: Oxford University Press.
- BACHELARD, Gaston (1928), *Essai sur la connaissance approchée*. Paris: PUF.
- BOURDIEU, Pierre (1971), Reproduction culturelle et reproduction sociale, *Social Science Information* 10(2): 45-79.
- BOURDIEU, Pierre (1977), *Algérie 60. Structures économiques et structures temporelles*, Paris: Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (1979), *La Distinction, Critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (1988), *L'Ontologie politique de Martin Heidegger*, Paris: Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (1989), *La Noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps*, Paris: Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (2000), *Les Structures sociales de l'économie*, Paris: Seuil.
- BOURDIEU, Pierre (2001), Bref impromptu sur Beethoven, artiste entrepreneur, *Sociétés & représentations*, 1(1): 13-18.
- BOURDIEU, Pierre (2013), *Manet, une révolution symbolique. Cours au Collège de France (1998-2000) suivis d'un manuscrit inachevé de Pierre et Marie-Claire Bourdieu*, Paris: Seuil et Raisons d'agir Édition.
- BOURDIEU, Pierre (2015), *Sociologie générale, Volume 1: Cours au Collège de France 1981-1983*, Paris: Seuil and Raisons d'agir Éditions.
- BOURDIEU, Pierre (2016), *Sociologie générale, Volume 2: Cours au Collège de France 1984-1987*, Paris: Seuil and Raisons d'agir Éditions.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; & PASSERON, Jean-Claude (1968 [1973] [2022]), *Le Métier de sociologue. Préalables épistémologiques*, Paris: Éditions de l'EHESS.
- BOURDIEU, Pierre, & WACQUANT, Loïc (2014), *Invitation à la sociologie réflexive*, revised and expanded edition, Paris: Seuil.
- BLUMER, Herbert (1969 [1986]), *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*, Berkeley: University of California Press.
- BURAWOY, Michael (2009), *The Extended Case Method: Four Countries, Four Decades, Four Great Transformations, and One Theoretical Tradition*. Berkeley: University of California Press.
- BRUBAKER, Rogers (1993), “Social Theory as Habitus”, in Craig Calhoun, Edward LiPuma, and Moishe Postone (eds.), *Bourdieu: Critical Perspectives*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 212-34
- DESMOND, Matthew (2014), “Relational Ethnography”, *Theory & Society*, 43: 547-579.
- DURKHEIM, Émile ([1895]1981), *Les Règles de la méthode sociologique*. Paris: PUF.
- GARFINKEL, Harold (1966), *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- GEERTZ, Clifford (1972), “Deep Play: Notes on the Balinese Cockfight”, *Daedalus*, 101(1): 1-37.
- GEERTZ, Clifford (1973), “Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture”, in *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, pp. 3-30.
- GEERTZ, Clifford (1980), *Negara: The Theatre State in Nineteenth-Century Bali*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- GOFFMAN, Erving (1961), *Encounters: Two Studies in the Sociology of Interaction*. Indianapolis, IN: Bobs-Merrill.
- GONG, Neil (2024), *Sons, Daughters, and Sidewalk Psychotics: Mental Illness and Homelessness in Los Angeles*, Chicago: University of Chicago Press.
- GLASER, Barney G., & STRAUSS, Anselm L. (1967), *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Chicago: Aldine.
- ORTNER, Sherry B. (ed.) (1999), *“The Fate of Culture”: Geertz and Beyond*. Berkeley: University of California Press.

- PARVEZ, Z. Fareen (2017), *Politicizing Islam: The Islamic Revival in France and India*. New York: Oxford University Press.
- PRIEUR, Annick (1998), *Mema's House, Mexico City: On Transvestites, Queens, and Machos*. Chicago: University of Chicago Press.
- RHEINBERGER, Hans-Jörg (2010), *On Historicizing Epistemology: An Essay*, Stanford. CA: Stanford University Press.
- SCHUTZ, Alfred (1967), *Phenomenology of the Social World*. Evanston. IL: Northwestern University Press.
- SWEDBERG, Richard (2016), “Can You Visualize Theory? On the Use of Visual Thinking in Theory Pictures, Theorizing Diagrams, and Visual Sketches”, *Sociological Theory*, 34(3): 250-275.
- TAVORY, Iddo, & TIMMERMANS, Stefan (2014), *Abductive Analysis: Theorizing Qualitative Research*. Chicago: University of Chicago Press.
- VILLARREAL, Ana (2024), *The Two Faces of Fear: Violence and Inequality in the Mexican Metropolis*. New York: Oxford University Press.
- WACQUANT, Loïc (2002), “Scrutinizing the Street: Poverty, Morality, and the Pitfalls of Urban Ethnography”, *American Journal of Sociology*, 107(6): 1468-1532.
- WACQUANT, Loïc (2014), “Homines in Extremis: What Fighting Scholars teach us about Habitus”, *Body & Society*, 20(2): 3-17.
- WACQUANT, Loïc (2015), “For a Sociology of Flesh and Blood.”, *Qualitative Sociology*, 38(1): 1-11.
- WACQUANT, Loïc (2022), *Body and Soul: Notebooks of an Apprentice Boxer*. Expanded anniversary edition. New York: Oxford University Press.
- WACQUANT, Loïc ([2023]2025), *The Poverty of the Ethnography of Poverty*. New York: Oxford University Press.
- ZONABEND, Françoise (1994), “De l’objet et de sa restitution en anthropologie”, *Gradhiva, Revue d’histoire et d’archives de l’anthropologie*, 16 (1): 3-14.

Loïc Wacquant

Professor na University of California, Berkeley, e investigador no Centre Européen de Sociologie et de Science Politique, em Paris. Os seus livros estão traduzidos em vinte línguas e incluem *Body and Soul: Notebooks of an Apprentice Boxer* (edição de aniversário alargada, 2022), *The Invention of the "Underclass": A Study in the Politics of Knowledge* (2022), *Bourdieu na Cidade: Desafiando a Teoria Urbana* (2023), e *Racial Domination* (2024). Encontra-se a trabalhar numa etnografia do Estado penal no terreno intitulada "Fast-Food Justice: The Social Life of the County Criminal Court".

Endereço para correspondência: Department of Sociology, University of California, Berkeley CA 94720 USA.

E-mail: loic@berkeley.edu

Artigo recebido a 20/09/2024 e aceite para publicação a 27/12/2024.